

ASYLO DE ÓRPHÃS NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO: EDUCAÇÃO E BENEMERÊNCIA**NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO ORPHANS ASYLUM: EDUCATION AND CHARITY**

DOI 10.5281/zenodo.10584320

Maria Augusta Martiarena¹

Resumo: O presente estudo faz parte da pesquisa realizada no doutorado em Educação, linha de pesquisa História e Filosofia da Educação, cujo tema era “Instituições e práticas como elementos de modernidade em Pelotas, durante as décadas de 1910 a 1930”. Este artigo propõe-se a realizar a análise de fotografias de uma instituição benemerente em Pelotas, durante a década de 1920. Compreendia-se que a suposta benemerência da elite pelotense constituía-se em uma forma de obter ou manter status social.

Palavras-chave: Fotografia. Instituições filantrópicas. Educação de órfãs.

Abstract: The present study is part of the research carried out in the doctorate in Education, line of research History and Philosophy of Education, whose theme was “Institutions and practices as elements of modernity in Pelotas, during the decades from 1910 to 1930”. This article aims to analyze photographs of a benevolent institution in Pelotas, during the 1920s. It was understood that the supposed benevolence of the Pelotas elite constituted a way of obtaining or maintaining social status.

Keywords: Photography. Philanthropic institutions. Education of orphans.

Introdução

Salvo nas ocasiões em que a câmera é usada para documentar, ou para observar ritos sociais, o que move as pessoas a tirar fotos é descobrir algo belo. De acordo com Sontag (2004), o nome com que Fox Talbot patenteou a fotografia em 1841 foi calótipo: do grego kalos, belo. Porém, é possível afirmar, que as fotografias podem mostrar o feio, ainda que este ganhe contornos artísticos, conforme as motivações a que se propõe.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Pós-doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: augusta.martiarena@osorio.ifrs.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5041314532505554>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1118-3573>

Para a autora, fotos, que transformam o passado em um objeto de consumo, são um atalho. Qualquer coleção de fotografias é um exercício de montagem e sinopse da história. De acordo com Vidal e Abdala (2005), poderíamos afirmar que a importância da fotografia como fonte para a história e a história da educação residiria nesse seu dom de permitir visualizar o ontem e o outro em seus contornos de verdade.

O presente estudo faz parte da pesquisa realizada no doutorado em Educação, linha de pesquisa História e Filosofia da Educação, cujo tema era “Instituições e práticas como elementos de modernidade em Pelotas, durante as décadas de 1910 a 1930”, cuja defesa ocorreu em 2012. Este artigo dedica-se, especificamente, à análise de fotografias de uma instituição benemerente em Pelotas, durante a década de 1920. Compreendia-se que a suposta benemerência da elite pelotense constituía-se em uma forma de obter ou manter *status* social. A instituição objeto da investigação, o Asylo de Orphãs N.S. da Conceição, consistia em um espaço propício para esse intento.

O Asylo de Órphãs e a filantropia: a elite benemerente e sua distinção social

De acordo com o Almanach de Pelotas (1922 p.301): “Um dos padrões, entre tantos outros, pelo qual se pode avaliar da edificante piedade e incompatível filantropia dos pelotenses, as quaes já se tornaram tradicionais, é o Asylo de Orphãs N. S. da Conceição”. As palavras do referido impresso deixam clara a relação entre filantropia e tradição, o que permite desvelar o já mencionado interesse da elite em manter o seu status por meio de atitudes benemerentes e filantrópicas.

Em 1922, Leopoldo Souza Soares² se encontrava à frente da diretoria, antecedido por Manoel Luiz Osório³, que ocupou o cargo, conforme o periódico, pelo período de onze anos. Verifica-se que a diretoria era ocupada por membros da elite local, os quais foram denominados pelo Almanach de Pelotas de 1922, como “obreiros do Bem”. Contudo, a publicação buscava demonstrar que não era apenas a elite econômica que deveria manter a instituição:

Quando se souber que uma parte do Asylo, a antiga está a ruir; que há necessidade de dota-lo de outras instalações de hygiene; que as suas rendas mal dão para custear as despesas; que, dahi não se pode ampliar os benefícios que elle poderia prestar e que as condições actuaes da Cidade, com população mais densa, estão a exigir; quando isso se disser, então terá desaparecido a errônea convicção de muitos – que o Asylo é rico – amparado por gente rica, e que não precisa, portanto, do auxilio da communhão; e todos, impulsionados por aquella improvável e tradicional philantropia, acorrerão com seus obulos para que não periclyte a obra meritória e grandiosa dos nossos maiores (ALMANACH DE PELOTAS, 1922, p.301).

Pode-se perceber que o Almanach de Pelotas considerava as atitudes filantrópicas dos menos favorecidos como algo improvável, no entanto, esses deveriam acorrer à benemerência para que a obra grandiosa dos “nossos maiores” não viesse a terminar. As afirmações acima transcritas exaltam a distinção do grupo de *status*⁴ que era constituído pela elite pelotense. Além disso, o periódico demonstra um posicionamento social, no qual as classes mais populares devem seguir o exemplo dos

² Leopoldo Álvares de Souza Soares era filho do Visconde de Souza Soares, José Álvares de Souza Soares. Conforme informações disponíveis no site do Museu da Emigração e das Comunidades (www.museu-emigrantes.org), esse título nobiliárquico não foi obtido no Brasil, mas em Portugal. Sendo assim, os membros dessa família que se estabeleceram em Pelotas a pesar de constituírem-se em descendentes da nobreza portuguesa, não podem deixar de constar entre as figuras integrantes do grupo de *status* pelotense.

³ Com relação à família Osório, como já mencionado anteriormente, são descendentes do Marquês do Herval e patrono da Cavalaria do Exército Brasileiro, Marechal Osório.

⁴ De acordo com Bourdieu (2011, p.15): [...] os grupos de *status* se definem menos por um ter do que por um ser, irreduzível a seu ter, menos pela posse pura e simples de bens do que por uma certa maneira de usar estes bens, pois a busca da distinção pode introduzir uma forma inimitável de raridade, a raridade da arte de bem consumir capaz de tornar raro o bem de consumo mais trivial [...].”

membros das classes mais elevadas. Pode-se dizer, então, que o Asylo de Órphãs se constituía em um dos espaços propícios para a evidenciação da distinção buscada pelo referido grupo social. Ser um benemérito dessa instituição representava uma diferenciação em relação aos membros de outros grupos. A filantropia e a benemerência são elementos de distinção social.

Com relação à trajetória dessa instituição, conforme esse periódico, a instituição foi fundada em 1855:

[...] recolhendo ao seu hospitaleiro âmbito, a principio modesto e acanhado, desamparadas creaturinhas, as mais dignas de compaixão, dando-lhes o conforto de cuidados e carinhos e os dons de educação e do ensino, um futuro mais risonho, tornando, enfim, menos amarga e dolorosa sua condição de orphãs (ALMANACH DE PELOTAS, 1922, p.301).

De acordo com Vanti (1998), durante o século XIX, a família era a única responsável pelo atendimento à infância, sendo prestado o atendimento institucional apenas nos casos de abandono declarado. Conforme a autora, em 1 de julho de 1849, foi criada a Casa dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Entretanto, a demanda de crianças expostas aumentou, o que foi amenizado com a fundação do Asylo de Órphãs, que recebia as meninas. Os meninos que não eram adotados, a seu turno, eram enviados ao Arsenal de Guerra, em Porto Alegre.

Ressalta-se, ainda, que a instituição, criada com o intuito de atender e formar as meninas órfãs da cidade de Pelotas, embora retratada no Almanach de Pelotas de 1922 e no Álbum do Centenário de 1922 (em ambos disponibilizando as mesmas fotografias) como sendo uma instituição representante do progresso da cidade naquele período, trata-se de uma criação do século XIX. Além disso, ressalta-se que a fundação dessa instituição de caridade está relacionada à Maçonaria. Conforme a mesma matéria do Almanach de Pelotas:

A loja maçônica 'União e Concordia', tendo resolvido a sua dissolução, deliberou que o prédio em que celebrava as suas sessões, sito a rua Gonçalves Chaves, esquina da 13 de Maio, fosse consagrado a uma

instituição pia, delle fazendo por isso doação para a instalação de um asylo para orphãs desvalidas (ALMANACH DE PELOTAS, 1922, p.301).

Essa instituição foi amplamente retratada no Almanach de Pelotas de 1922, bem como no Álbum do Centenário do mesmo ano. A série de imagens produzidas permite a análise do espaço da instituição, bem como de suas concepções de formação e de religião.

A narrativa imagética do Asylo de Órphãs N. S. da Conceição: fotografias de partes externas

Deve-se ter em conta que a narrativa imagética, aqui apresentada, segue a ordem das imagens conforme o seu ordenamento no Álbum do Centenário de 1922, no qual, após a fotografia da enfermaria, foram reproduzidas quatro imagens da Capela. Ressalta-se que no Almanach de Pelotas de 1922, as imagens da Capela foram as primeiras a constarem naquele periódico. O ordenamento em que as fotografias são expostas se refere aos interesses do periódico ou da publicação em evidenciar determinados aspectos.

No Álbum do Centenário foi realizada uma apresentação das partes externas do prédio, para posteriormente, adentrar a edificação. Nesse impresso, a primeira fotografia de partes internas refere-se à sala de sessões da diretoria, ou seja, espaço dedicado à cúpula administrativa, para depois dedicar-se ao espaço em que as órfãs se apropriavam cotidianamente. A Capela se inseriu nesse contexto antes de se apresentarem os cômodos mais íntimos: os dormitórios. Dessa forma, percebe-se um traçado que parte do público em direção ao privado.

No Almanach de Pelotas, no entanto, as fotografias da Capela, iniciando-se por sua fachada, foram evidenciadas e tiveram o privilégio de constarem como as primeiras da publicação. O ordenamento que as fotografias tiveram, em seguida, parece mais despreocupado do que o do Álbum do Centenário. Provavelmente, a preocupação tenha assolado mais intensamente o segundo, por tratar-se de uma publicação que buscava evidenciar o que Pelotas tinha de melhor naquele período.

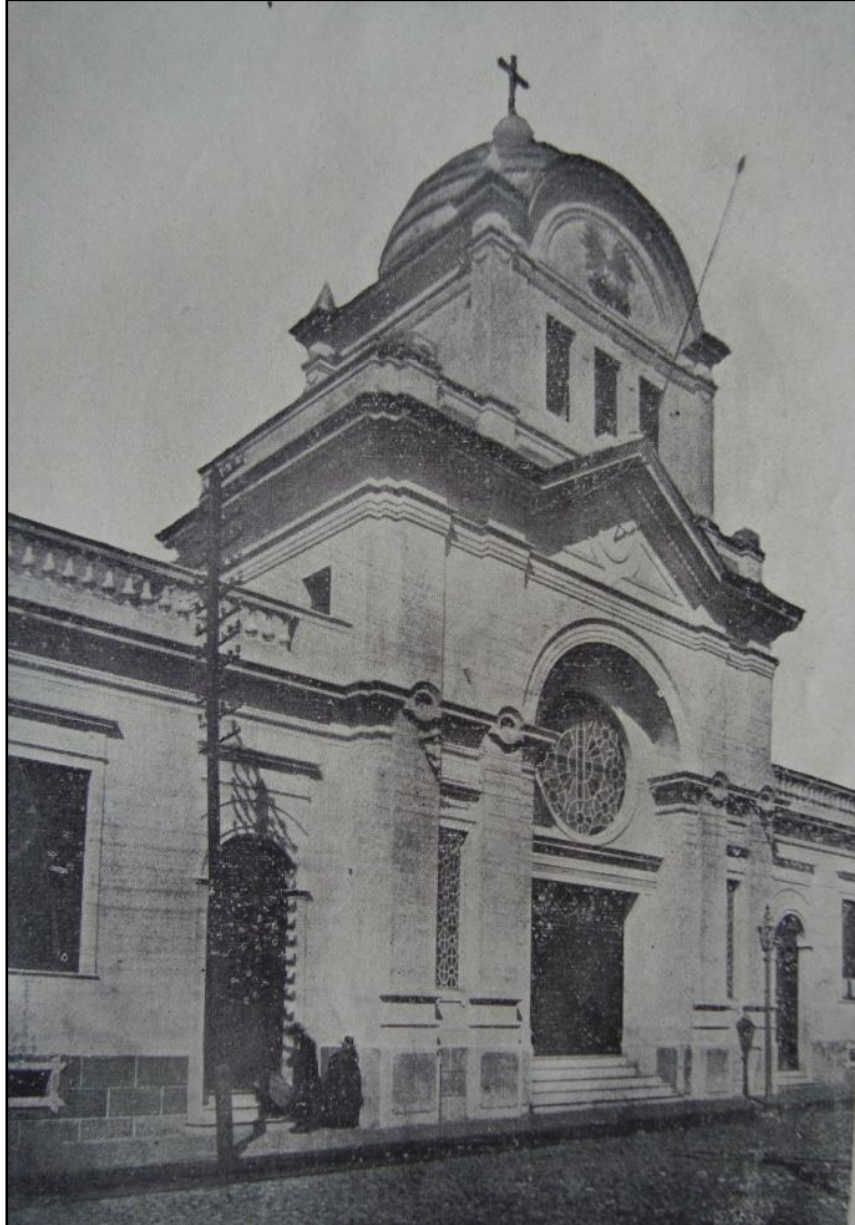
Figura 1 – “Vista geral do Asylo de Órphãs N. S. da Conceição”



Fonte: Álbum do Centenário de 1922.

A figura 1 apresenta a “Vista geral do Asylo de Órphãs N. S. da Conceição”. Assim como a maior parte das fotografias de prédios de instituições educacionais, a imagem apresenta tanto a fachada lateral, como a fachada principal. A imagem, realizada a partir de um ângulo oblíquo à edificação, destinava-se a exaltar as grandes dimensões daquele prédio. Embora contasse apenas com um piso, possuía porão baixo. O prédio era ornamentado com platibanda vazada balaustrada. Embora a arquitetura dessa edificação possa ser considerada austera, ela não é despojada de ornamentos. Uma carruagem e um transeunte servem para evidenciar as grandes dimensões do prédio.

Figura 2 – “Fachada da Capella do Asylo de Órphãs N. S. da Conceição, não faz muito reconstruída”



Fonte: Álbum do Centenário de 1922.

Como mencionado anteriormente, o prédio em que foi instalado o Asylo de Órphãs pertencia à Maçonaria, especificamente à Loja “União e Concórdia”, a qual utilizava aquele espaço para a celebração de suas sessões. A Capella foi anexada posteriormente ao prédio. Segundo o Almanach de Pelotas de 1922:

Esse asylo tinha armado em seu salão de honra um oratório, erecto soba a invocação de N. S. da Conceição.

Por provisão episcopal de 15 de Novembro de 1855, foi esse oratório transferido para pequeno edifício, de aspecto especial, erguido no meio da quadra, contigua ao estabelecimento e elevado a capella (ALMANACH DE PELOTAS DE 1922, p.301).

Na fachada principal, verifica-se a porta de entrada para a Capela, a qual pode ser melhor identificada na figura 2, cuja legenda é “Fachada da Capella do Asylo de Órphãs N. S. da Conceição, não faz muito reconstruída”. Nessa imagem, percebe-se que a porta de entrada possuía quatro folhas. Sobre ela se encontrava- uma grande rosácea. A Capela contava, ainda, com um frontão triangular e com uma cúpula, sobre a qual, levantava-se uma pequena cruz. Pode-se perceber que esse prédio eclético buscou elementos tanto no Neoclassicismo, como na arquitetura neogótica.

As partes internas do prédio: diferentes espaços, distintos propósitos

Após a apresentação da fachada do prédio e da Capela, cuja arquitetura pomposa retrata de forma muito evidente o contexto pelotense e as significações atribuídas pela elite. Inicia-se a apresentação das fotografias de partes internas. Na figura 3, vê-se retratado o “Salão das sessões de Directoria do Asylo de Órphãs N. S. da Conceição”. Nessa imagem, pode-se perceber que a sala possuía grandes dimensões. Ao fundo, percebe-se a presença de pelo menos doze quadros em que eram retratados os filantropos da instituição. À direita se vê uma mesa com seis cadeiras, um armário de cor clara e uma porta de duas folhas. À esquerda, mais três cadeiras. A sala se encontrava, também, decorada com vários vasos de plantas, provavelmente palmeiras ou ráfias.

Figura 3 – “Salão das sessões de Directoria do Asylo de Órphãs N. S. da Conceição”



Fonte: Álbum do Centenário de 1922.

Ressalta-se que os retratos que adornam o salão de honra, mais do que um brinde a memória da instituição é uma forma de eternizar os indivíduos ali representados. Uma vez mais, retoma-se Bourdieu (2011a), o qual afirma que os grupos procuram dotar-se de meios para perpetuar-se além da finitude dos seus membros. Para tanto, esses grupos utilizam-se de vários instrumentos:

Entre esses instrumentos que permitem escapar às alienações genéricas, a representação, o retrato ou a estátua que imortaliza a pessoa representada (às vezes, por uma espécie de pleonasma, ainda em vida); ou o memorial, o túmulo, o escrito, aere perennius, que celebra, além de transmitir para a posteridade, e, em particular, o escrito histórico que introduz na história legítima, merecendo ser conhecida e aprendida [...], (BOURDIEU, 2011a, p.71).

Sendo assim, deve-se considerar o conjunto de retratos presentes no Salão de sessões da Diretoria como uma ferramenta de eternização dos beneméritos da instituição, os quais em sua maioria (provavelmente totalidade) fizessem parte da elite pelotense. O espaço do salão de sessões, por si só, já é destinado à cúpula, ao conjunto de dirigentes, o qual pertence ao mesmo grupo dos indivíduos retratados.

Figura 4 – “Um dos amplos corredores do Asylo N. S. da Conceição”



Fonte: Álbum do Centenário de 1922.

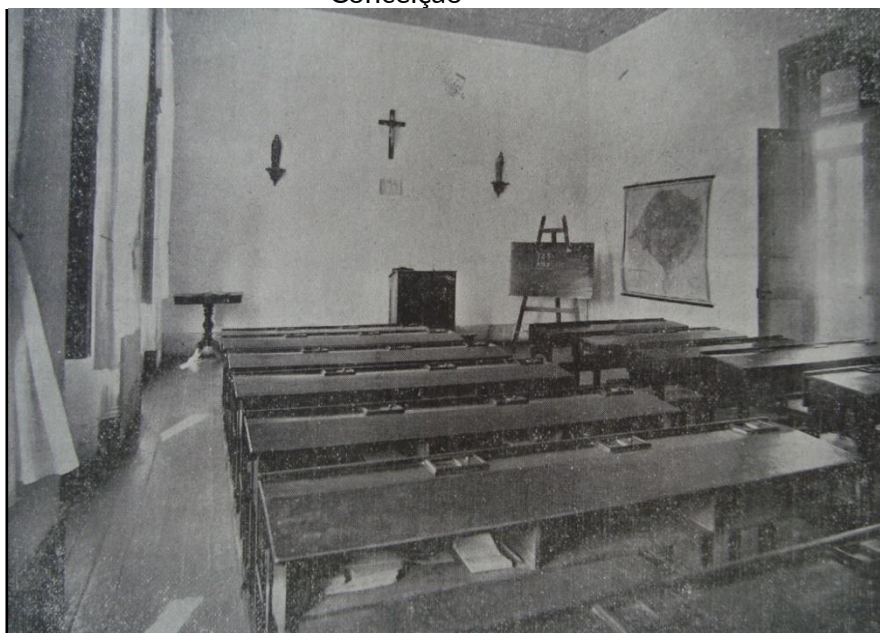
Ao contrário das paredes de cor clara e sem decoração do salão de reuniões da diretoria, o corredor retratado na figura 4, apresenta paredes cobertas por escariolas. O piso era coberto por tijoletas. Vê-se, ainda, duas imagens de santos na parede em oposição às janelas, as quais se encontravam abertas. Pode-se perceber a presença de uma porta ao fundo e de outras no mesmo lado que as imagens de santos. Ressalta-se que esse espaço, muito imponente, cuja finalidade era servir aos necessitados, possuía muitas semelhanças com prédios de famílias de destaque econômico na cidade. Seria possível dizer que partes do prédio do Asylo de Órphãs apresentavam similaridades com o prédio da instituição escolar que visava a formação das meninas da elite: o Colégio São José.

De acordo com Maciel (2004), ao confrontar as exigências das escolas femininas no século XIX apenas pelo currículo, percebia-se uma série de similaridades. Entretanto,

a autora destaca que existia uma diferenciação em suas práticas educativas, notadamente por meio de instrumentalizações diferentes. As jovens bem nascidas eram preparadas para integrar a sociedade e representar as suas famílias, enquanto as órfãs aprendiam a costurar, bordar, lavar, cozinhar, entre outras atividades que serviriam tanto para o lar como para seu futuro sustento.

Contudo, deve-se mencionar, uma vez mais, que o prédio em que o Asylo foi instalado já existia e era utilizado pela Maçonaria, cujos membros, em sua maioria, eram integrantes da elite. Além disso, é possível dizer que o corredor, por ser um espaço público, de passagem, era mais ornamentado do que os espaços privados destinados às meninas.

Figura 5 – “Uma das salas do Collegio São Francisco, do Asylo de Órphãs N. S. da Conceição”



Fonte: Álbum do Centenário de 1922.

A imagem que se segue ao corredor se refere a uma das salas de aula do Colégio São Francisco. Nessa fotografia (figura 5) pode-se verificar o mobiliário escolar de uma instituição confessional. A sala contava com carteiras coletivas, um pequeno quadro negro, um mapa do Rio Grande do Sul, uma mesa para o professor (no caso, professora, provavelmente uma religiosa) e uma mesa auxiliar. Na parede ao fundo, um crucifixo era

ladeado por duas imagens de santos. As paredes tinham pintura clara e não eram decoradas como as do corredor. As grandes janelas eram ornamentadas com cortinas que tinham, provavelmente, função mais utilitária do que decorativa. A porta de duas folhas encontrava-se aberta quando da realização da fotografia.

Além disso, de acordo com Frago (2001), eram traços característicos da organização pedagógica desse tipo de salas de aula, a reserva, em uma mesma sala, de um espaço para o ensino mútuo e de outro espaço para o ensino simultâneo. Maciel (2004) afirma que o currículo do Asylo de Órphãs previa instrução primária, religiosa e educação física adequada à idade e ao sexo. Dessa forma, a autora aponta que a instituição apresentava uma base curricular semelhante às escolas formadoras da elite pelotense. Entretanto, como já mencionado anteriormente, no Asylo, além dessas disciplinas, eram ensinadas práticas que serviriam tanto para as meninas utilizarem no lar, como para sua atuação profissional.

Tal afirmação se encontra em consonância com os apontamentos de Vieira (2006) sobre a instalação de um Asilo de Órfãos na cidade de Santos. Segundo a autora, no fim do século XIX e no início do XX, percebeu-se a importância de realizar a profissionalização das classes mais pobres, tendo em vista o processo de urbanização que o país vivia. Além disso, Silva (2010) menciona que as preocupações com a formação profissional na educação primária e com os jovens das classes mais desvalidas já eram oriundas do período imperial e estavam presentes no Regulamento de 1854⁵.

5 Sobre o assunto ver Silva (2010) e Vieira (2006).

Figura 6 – “Enfermaria das recolhidas do Asylo de Órphãs N. S. da Conceição”



Fonte: Álbum do Centenário de 1922.

As recolhidas, além de aulas, tinham atendimento médico. A enfermaria (figura 6) contava com três camas, provavelmente de ferro, cobertas por mosquiteiros. As camas estavam cobertas por colchas brancas. À esquerda, vê-se um armário, posicionado frente a uma porta, cujo uso deve ter sido abandonado. Verifica-se, ainda, a presença de uma luminária de três lâmpadas. As camas foram posicionadas próximas às janelas e, ao lado de uma das camas, percebe-se a presença de uma jarra e uma bacia de porcelana, sobre uma das pequenas mesas presentes na imagem. As janelas da enfermaria apontam que essa sala estaria perto do pátio da instituição, pois se pode verificar uma edificação, com telhas portuguesas ou americanas, bem como algumas plantas.

Deve-se ter em conta que havia um espaço dedicado à enfermaria, pois as meninas, além de terem no Asylo um lugar para a sua instrução, ali habitavam e necessitavam de cuidados médicos. Destaca-se, ainda, que houve várias epidemias em Pelotas, como por exemplo a gripe espanhola, que vitimou inúmeras pessoas. Deve-se mencionar, ainda, o fato de que o higienismo, mencionado por Stephanou (2005), relacionava educação e saúde, tendo em vista que os discursos médicos previam a higiene física e moral como elementos relacionados.

A essas imagens, seguiram-se quatro fotografias da Capela. Ressalta-se que a apresentação de um número relativamente grande em relação aos outros de fotografias de um espaço determinado está relacionado ao fato de que, quando da restauração do edifício, as obras da Capela tiveram cuidados especiais:

Entre muitos dos melhoramentos introduzidos no Asylo, durante a gestão longa do dr. Manoel Luiz Osorio, merece especial referencia, pelo seu vulto, a reconstrução externa e em parte interna do edifício, e ainda a Capella, que, hoje pela sua decoração, realizada por um pintor emérito da Ordem dos Franciscanos, é talvez, o templo mais lindo, já não diremos de Pelotas, mas do Rio Grande do Sul (ALMANACH DE PELOTAS DE 1922, p.301).

O Asilo tinha um oratório em homenagem à Nossa Senhora da Conceição, localizado no salão de honra. Pela provisão episcopal de 15 de novembro de 1855, o oratório foi transferido para um pequeno edifício, no meio da quadra, contíguo ao estabelecimento. Esse espaço foi elevado à Capela. Com relação às suas dimensões, o periódico informou, em 1914, cujo trecho foi transcrito em 1922:

Esta capella mede de comprimento 22m, 22 por 8m88 de largura. Faz frente para a rua Gonçalves Chaves, por onde tem um adro revestido de um gradeamento de ferro, cujo portão da ingresso para a Capella (ALMANACH DE PELOTAS DE 1922, p.301).

Com relação à ordem em que as imagens aparecem no Almanach de Pelotas e no Álbum do Centenário, pode-se dizer que esses impressos fizeram opções diferentes. O Almanach de Pelotas iniciou com a fotografia da fachada (figura 1) já analisada anteriormente, em seguida apresentou a vista do altar mor, para depois apresentar as paredes laterais e terminar com o côro. O Álbum do Centenário, ao contrário, começou com as paredes laterais, passou pelo côro e terminou com o altar mor. Pode-se perceber que a primeira opção de narrativa imagética opta por iniciar com o lugar mais importante da Igreja, que representa, de acordo com Zilles (2006), a presença de Cristo entre nós. O Álbum do Centenário, ao contrário, atribui a mesma valorização do espaço, apenas colocando-o em uma posição diferente, como um grande fechamento. Optou-se, neste estudo, não analisar as fotografias da parte interna da Capela, tendo em vista que as mesmas demandariam conhecimentos bastante específicos relacionados à religião

católica, os quais não implicam diretamente na compreensão da benemerência como elemento de distinção, nem contribuiriam, pela sua especificidade, para além do entendimento já afirmado de que o espaço se configurava como um local para a catequização e fortalecimento do catolicismo nas jovens órfãs.

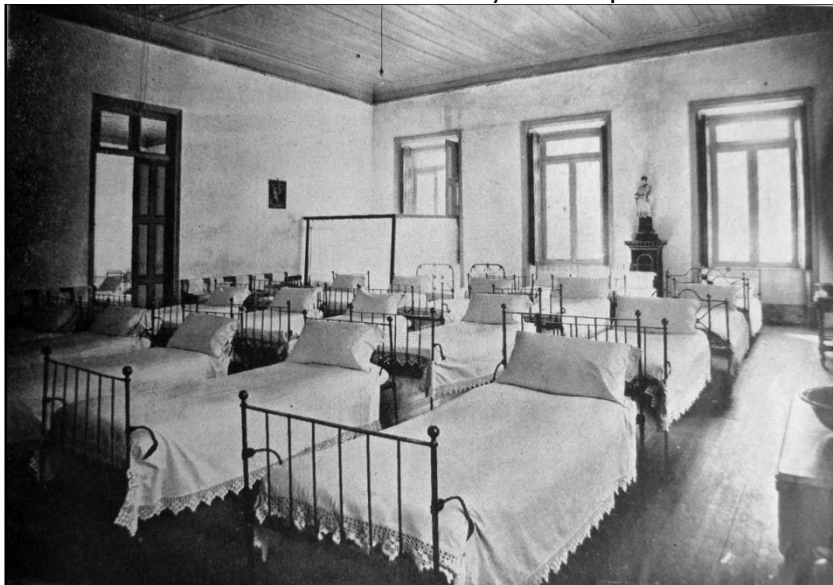
Por se tratar de um orfanato, entre as imagens do prédio, constam duas fotografias de dormitórios. Em ambas as imagens (figura 7 e 8), percebe-se que o espaço era austero e simples. O piso era de tábua corrida e o forro de madeira. As luminárias contavam apenas com a lâmpada, sem ornamentos ou decorações. As camas se enfileiravam, formando-se um estreito corredor entre elas, para a movimentação das internas. As camas eram de ferro e estavam cobertas por colchas com acabamento em crochê. Havia grandes janelas e as paredes estavam decoradas com imagens religiosas. Além dessas imagens, havia, também, estatuário religioso. Em um dos quartos (figura 7), percebe-se a presença de um baú, enquanto no outro (figura 8), verificam-se duas bacias, nas quais, provavelmente, as jovens realizavam a sua primeira higiene do dia, ou a última da noite. Além disso, a figura 8 apresenta um biombo próximo a uma das janelas.

Figura 7 - “Dormitórios das recolhidas do Asylo de Órphãs N. S. da Conceição”



Fonte: Álbum do Centenário de 1922.

Figura 8 - “Dormitorios das recolhidas do Asylo de Órphãs N. S. da Conceição”



Fonte: Álbum do Centenário de 1922

Os dois quartos retratados representam a forma simples como as órfãs deveriam aprender a viver. Ressalta-se, ainda, que os elementos religiosos, bastante comuns em quartos, demonstram a presença da religião, que deveria ser uma constante na vida dessas jovens. As colchas com detalhes em crochê representam o papel dos trabalhos manuais na formação feminina, especialmente das órfãs, que provavelmente se tornariam esposas ou se dedicariam a vida religiosa. Com relação ao espaço físico do Asylo, foi afirmado no Almanach de Pelotas de 1922:

Quem visitar o Asylo de Orphãs N. S. da Conceição, e ainda que com espirito de investigador apprehenda aquellas faltas e contingencias, de lá retirar-se-á agradavelmente impressionado pela ordem, disciplina, asseio e sobretudo, pelo espetáculo impressionante daquellas creanças sadias e garrulas, que, entregues aos brincos infantis, esquecem seu grande e irreparável infortúnio! (ALMANACH DE PELOTAS, 1922, p.301).

O grupo de imagens do Asylo de Órphãs N. S. da Conceição traça uma narrativa imagética, na qual se percebe que os espaços privados se constituem em esferas formadoras de jovens simples e dedicadas, ao mesmo tempo em que os espaços que podiam ser visualizados pelo público, como a capela, a sala de sessões da Diretoria e o corredor, bem como a parte externa do prédio, demonstram a grandiosidade da

benemerência de seus patronos, situação essa que não se manteve com o tempo. Logo, o Asylo era perpetrado pela dicotomia entre a simplicidade e o status social. Simplicidade para as órfãs que ali ingressavam e riqueza e ornamentos para enriquecer o status dos benemerentes que utilizavam essa prática, como já foi dito, como forma de ascensão social ou manutenção de posição na sociedade.

Considerações finais

Ao se analisar fotografias sobre uma instituição benemerente, é possível afirmar que essas instituições estavam ligadas aos nomes de seus fundadores ou membros participantes. Destaca-se que a homenagem póstuma ou mesmo em vida é o que Bourdieu (2011) considera uma ferramenta para a eternização, para a luta contra a finitude, a qual os grupos sociais se dedicam para vencer às alienações genéricas, ou seja, a própria morte. A imortalização de determinados membros permite valorizar os elementos de antiguidade, os quais são utilizados como fatores de distinção da nobreza cultural, em que a elite pelotense se considerava integrante.

Além das nomenclaturas e dos fundadores das escolas, os filantropos responsáveis pelo Asylo de Órfãs também foram imortalizados por meio de retratos, os quais ficavam expostos na Sala de Sessões da Diretoria. O retrato, assim como a estátua, também se constitui em ferramentas de imortalização. Tais elementos constituem-se, nas palavras de Bourdieu (2011a) em elementos de poder social sobre o tempo.

Desse modo, é possível dizer que a antiguidade da família, os títulos nobiliárquicos, são elementos que foram seguidamente utilizados pelo grupo de status constituído pela elite pelotense. Ressalta-se que esses elementos são utilizados como forma de distinção com relação aos outros grupos e garante a formação da sua identidade.

Com relação à instituição de ensino artístico, esse estabelecimento se encontrava relacionado aos elementos de distinção da elite pelotense como grupo de *status* pelo seu caráter de educação para classes mais privilegiadas da sociedade, as quais poderiam se dedicar ao estudo de um instrumento. Destaca-se, ainda, que mesmo antes da instalação do Conservatório de Música em Pelotas, notadamente no que tange à educação feminina, existia uma preocupação em instrumentalizar as moças para o conhecimento de uma língua estrangeira (especialmente o francês) e de um instrumento. De acordo com Maciel (2004), tais práticas eram instrumentalizadas durante o século XIX nas escolas de educação feminina com fins de formar as jovens da elite. Essas práticas divergiam do que era previsto para a formação das jovens desvalidas das classes menos privilegiadas que ingressavam no Asylo de Órphãs, as quais eram preparadas para as atividades do lar ou para uma possível profissionalização. As jovens poderiam atuar como costureiras, cozinheiras, atividades consideradas femininas e adequadas para as meninas das classes sociais menos privilegiadas.

Com relação à estrutura física das instituições, uma importante característica que pode ser percebida é ressaltada por Frago (2001), trata-se do fato de a maior parte das instituições optarem pelo retilíneo em detrimento do curvilíneo ou redondo. O autor justifica essa opção pelo fato de que os retângulos e os quadrados facilitam a vigilância e o controle, pois permitem uma melhor visualização do espaço. A questão da vigilância encontra-se relacionada principalmente às instituições de ensino primário e ao Asylo de Órphãs.

Ressalta-se, ainda, que as salas de aulas representadas ainda utilizavam carteiras fixas, o que dificultava a mobilidade dos estudantes. Destaca-se a sala de aula do Asylo de Órphãs N. S. da Conceição, a qual contava com carteiras coletivas. O espaço da sala de aula contém elementos que, segundo Frago (2001), relacionam-se a um discurso médico e psicopedagógico, notadamente no que tange a preocupação com aspectos como a aeração, a iluminação, entre outros. A afirmação do autor é corroborada por Wolff (2010), segundo a qual a questão da higiene escolar regia as orientações e definições das propostas para a arquitetura escolar. Tais preocupações são perceptíveis

nas salas representadas, pois, em praticamente todos os casos, esses espaços contavam com grandes janelas, que proporcionavam iluminação e ventilação.

Além dos preceitos de higiene, é possível dizer que a organização espacial, ou seja, a disposição do mobiliário e o tipo de mobiliário existente representam os conceitos ideológicos-doutrinários que pautavam o funcionamento das instituições. No caso da sala de aula do Asylo, as carteiras coletivas, provavelmente oriundas do século XIX, período de construção dessa instituição, pressupõe um trabalho em grupo, a divisão, o compartilhar. Com relação ao edifício, o caso do Asylo N. S. da Conceição, cuja arquitetura era bastante rica, relaciona-se ao *status* promovido pelas ações de benemerência e a relevância social que essa causava.

Referências

ALMANACH DE PELOTAS, 1922.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 7.ed. – São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. 2.ed. Ver. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2011a.

FRAGO, Antonio Viñao. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.59-136

MACIEL, Patrícia Daniela. Formação **das meninas órfãs e da elite pelotense no século XIX**: similaridades e/ou diferenciações? In: Anais do X Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, Gramado, 2004, p.293-300.

SILVA, Silvana Cristina Hohmann Prestes da. **De órfãos da gripe a trabalhadores: O Asilo São Luiz de Curitiba, 1918-1937**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STEPHANOU, Maria. Discursos médicos e a educação sanitária na escola brasileira. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol.III: século XX. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p.142-164.

VANTI, Elisa dos Santos. **O fio da infância na trama da história: um estudo sobre significações de infância e de educação infantil em Pelotas (1875 - 1900)**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

VIDAL, Diana Gonçalves; ABDALA, Rachel Duarte. A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. **Revista do Centro de Educação**, Universidade Federal de Santa Maria, v.30, n.2, 2005 – Santa Maria, p.177 a 194.

VIEIRA, Marina Tucunduva Bittencourt Porto. **Asilo de Órfãos de Santos: assistência à infância desvalida (1889 – 1914)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica de Santos, Santos.

ZILLES, Urbano. **A significação dos símbolos cristãos**. Editora EDIPUCRS, Porto Alegre, 2006.

Recebido em maio de 2023
Aceito em novembro de 2023